

Resenha

BRONCKART, Jean-Paul; BOTA, Cristian. *Bakhtin desmascarado: história de um mentiroso, de uma fraude, de um delírio coletivo*. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

Resenhado por: Diego Gomes do Valle¹ (UNICAMP)

“Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me”.

Fernando Pessoa – Tabacaria

Olavo de Carvalho, em uma entrevista antiga concedida a Pedro Bial, lembra que as palavras *autor* e *autoridade* têm a mesma raiz e que, logo, a segunda se apoia na primeira. Lembrei-me disso no momento exato em que concluí a leitura do livro em questão. Até que ponto a autoridade – devo dizer: quase irrestrita – de Bakhtin seria abalada ao deixar de ser autor de muitos escritos “seus”?

Antes de qualquer coisa, a obra *Bakhtin Desmascarado* (2012), de Jean-Paul Bronckart e Cristian Bota, é um trabalho de revisão crítica sobre o fazer biográfico. A veracidade do que é dito, os pontos cegos, a narrativa que se faz da vida do biografado, a má fé que pode existir no biógrafo, as contradições, as diferenças entre hipótese, fato e ilação do biógrafo etc., estão na base da análise do objeto Mikhail Bakhtin.

Fazendo uma analogia imperfeita, assim como a existência e/ou autoria (ou não) de Confúcio, Lao-Tsé e Pitágoras não anulam os “ismos” que deles derivaram, sempre pensei que havia algo de essencial no bakhtinismo, algo que seguiria existindo, mesmo que Bakhtin não fosse o legítimo autor das obras disputadas - sobre as quais trarei adiante uma breve contextualização ao leitor. Se o leitor me perguntar o que, objetivamente, há de novo nesta obra, devo responder que pouca coisa. O que há é um sério e criterioso trabalho, que ordena os dados disponíveis e os analisa criticamente à luz do bom senso.

A questão da autoria das obras disputadas nunca me pareceu demasiado relevante para abalar a genialidade de Mikhail Bakhtin. Esclareço ao leitor que a expressão elogiosa esteve há anos inabalável não só em mim, mas em grande parte

¹ Doutorando em Teoria e História Literária, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Bolsista CAPES.

do *establishment* universitário². Para exemplificar esta observação e localizar aqueles que desconhecem o vulto deste homem, sugiro que o leitor passe as vistas por qualquer um dos documentos-base da educação brasileira de pelo menos vinte anos para cá; as referências implícitas ou diretas ao pensador russo são constantes. Noções como: diálogo, dialogismo, polifonia, carnaval, gêneros do discurso etc., permearam as *vozes* dos maiores linguistas e teóricos da literatura brasileiros dos últimos anos. Seria necessário um estudo particular para se mensurar a influência enorme de Bakhtin – ou o que se atribui a ele – no ensino de língua portuguesa e nos estudos literários aqui no Brasil. Bastaria citar alguns nomes de alguns estudiosos que reconheceram a importância dos textos atribuídos a Bakhtin: Merquior, Schnaidermann, Bosi, Galindo, Tezza, Faraco, este último citado como “bakhtinista ferrenho” (p. 466) na obra que ora resenhamos.

Após a leitura desta obra, devo confessar: estou com a fé abalada, sem, necessariamente, estar adorando outro ídolo. E peço que o leitor acompanhe esta resenha com o tom um tanto desiludido que tentarei imprimir a estas linhas. Desilusão oriunda do impacto da leitura, e em detrimento da admiração que cultivo há anos por esta figura emblemática, para a qual busco, agora, novos contornos, novos traços, novo *corpus*.

O subtítulo do livro – a saber: “História de um mentiroso, de uma fraude, de um delírio coletivo” – é um resumo eloquente dos motes a serem explorados. Sintetizo os pontos fulcrais de cada mote: Bakhtin foi “mentiroso” porque disse, em muitas oportunidades, ser o autor de *Marxismo e filosofia da linguagem*, *O freudismo* (ambas de Valentin Volóshinov) e o *Método formal nos estudos literários*, de Pavel Medvedev; a “fraude” surge no momento em que as biografias dos envolvidos, especialmente a de Bakhtin, são alteradas, por ele e por seus editores tardios, em benefício da tese da onipaternidade bakhtiniana, isto é, da autoria de todas as obras disputadas; já o “delírio coletivo” se inicia no momento em que estudiosos importantes do mundo começam a fazer uma leitura unificante das obras dos três pensadores, atribuindo as claras contradições, que deste método derivam, ao “gênio polimorfo” de Bakhtin, às influências e/ou contribuições da entidade abstrata: Círculo, e, finalmente, do momento político da Rússia stalinista.

Abaixo, resumo e analiso o périplo de Bronckart e Bota, que culminou na evidência da *mentira*, da *fraude* e do *delírio coletivo*.

O mentiroso

É comum atribuir o impasse sobre os textos disputados à “afirmação de atração pelas máscaras que será frequentemente reproduzida [...] no quadro da estranha lógica argumentativa [...] visando explicar a questão dos textos disputados por um ou outro dos temas ou dos conceitos provenientes da pretensa obra de

² O crítico literário Tzvetan Todorov, em sua obra *O princípio dialógico*, chega a exaltar o russo como o “maior teórico da literatura do século XX”.

Bakhtin” (p. 45). Não deixa de ser eufêmico, para não dizer condescendente, dar ares excêntricos a uma questão objetiva e fundamental como esta.

A mentira começa a se configurar quando se analisam as biografias dos membros do Círculo sem a perspectiva da onipaternidade bakhtiniana dos textos. Em comentário a um resumo biográfico dado pelos famosos estudiosos de Bakhtin, Clark e Holquist, temos a constatação de que

esse resumo da carreira de Volóshinov é intrigante em mais de um aspecto [...] ele mostra inicialmente que Volóshinov fazia parte de um grupo de pesquisa universitária (ao qual Bakhtin, como vimos, era absolutamente estranho), que empreendia trabalho sobre a metodologia em estudos literários em uma perspectiva marxista e se opunha, justamente por isso, às teses dos formalistas; e ele mostra em seguida que o tema de pesquisa próprio a Volóshinov incidia sobre o estatuto do discurso reportado. Também sabemos que o combate contra o formalismo e o estudo do discurso reportado constituem especialmente dois dos mais destacados temas de *Marxismo e filosofia da linguagem* (p. 48).

A dedução óbvia seria que o texto em questão foi de fato escrito por Volóshinov, mas os biógrafos dizem que, inexplicavelmente, a produção científica do sujeito foi interrompida, e que “provavelmente” não só o *Marxismo*, mas os demais textos que até então eram atribuídos à pena do primeiro, seriam de autoria bakhtiniana. A figura de Medvedev também é revista, à luz de um mínimo de bom senso, e será reposta à condição de autor dos textos que lhe foram retirados. Isto porque

nenhuma prova formal dessa substituição de identidade é fornecida, e as biografias, além do mais, dão versões sensivelmente distintas dessa troca: esses textos são “segundo toda evidência, exclusivamente da lavra de Bakhtin”; eles teriam “muito provavelmente sido escritos por ele”; eles teriam sido escritos “em comum”; eles teriam sido redigidos pelos signatários “a partir de conversas com Bakhtin” (p. 54).

Mas, objetará o leitor bakhtinista, até agora não houve propriamente mentiras de Bakhtin, e, sim, de seus hagiógrafos, digo, biógrafos. Tem razão o astuto leitor. Fato que me leva a acompanhar os passos da fraude em questão.

A fraude

É a partir do fim dos anos 1960 que os textos de Bakhtin, Volóshinov e Medvedev voltam, após anos de censura soviética, a ser objeto de estudos. Até este período, não havia dúvida quanto à autoria de tais obras, isto é, quem assinou tais obras foi de fato quem as escreveu³. A tese da onipaternidade bakhtiniana vai se estabelecendo após estudos de Ivanov, Todorov e Clark & Holquist. Estes apologetas, propondo causas e interpretações diferentes entre si sobre a *opera bakhtiniana*, consagram um todo-Bakhtin: autor e/ou influenciador de todos os textos disputados.

Vamos aos testemunhos do próprio Mikhail Bakhtin expostos na obra que resenhamos.

Em carta de Bakhtin a Kojinov (que juntamente com Bocharov redescobriram o pensador russo nos anos 1960), o pensador diz

Conheço bem os livros *O método formal nos estudos literários e Marxismo e filosofia da linguagem*. V. Volóshinov e P. N. Medvedev eram meus amigos; na época em que esses livros foram escritos, trabalhávamos no mais estreito contato criativo. Além do mais, tanto esses livros como meu estudo sobre Dostoiévski baseiam-se em uma concepção comum da linguagem e da obra verbal [...] No que se refere a outros trabalhos de Medvedev e de Volóshinov, eles se situam em outro plano e não refletem a concepção comum: não tomei absolutamente parte alguma em sua elaboração (p. 208).

Bronckart e Bota apontam, com razão, que um autor não diz “conhecer” uma obra que é sua. E a menção aos nomes dos verdadeiros signatários em ato contínuo denuncia a intenção de, naquele momento, Bakhtin associar tais nomes a tais obras. Também, o pensador termina dizendo que em nada influenciou os demais trabalhos da dupla. Ora, os demais trabalhos são *O freudismo* e outros artigos que, mais tarde, Bakhtin reivindicaria para si.

Dez anos mais tarde – quem sabe por alguma peripécia polifônica ou carnavalesca –, Bakhtin muda sua versão, sustentando que ditou o *Marxismo* para Volóshinov e que “achei que isso era algo que eu podia fazer por meus amigos. Para mim, não era difícil fazê-lo, porque eu achava que ainda escreveria meus próprios livros, livros sem acréscimos desagradáveis” (2012, p. 210). Também mais tarde, Bakhtin relata que ditou o *Marxismo* para que sua esposa, e não mais Volóshinov, o registrasse de próprio punho. Já o *Método formal nos estudos literários* teria sido ditado por Bakhtin a sua esposa, mas publicado no nome de Medvedev (que supostamente fizera acréscimos marxistas) somente por dinheiro.

³ São citados artigos de estudiosos conhecidos (para ficar em dois nomes conhecidos: Jakobson e Kristeva) que confirmam essa observação.

Estas e outras contradições vão se desvelando uma a uma, não com documentos novos, mas com uma análise lógica, com um confronto de *vozes* de um mesmo personagem. Tais contradições, alimentadas por um desejo de unidade de seus estudiosos, geram um gênio polimorfo: “Bakhtin tinha um caráter simultaneamente intransigente, modesto e carnavalesco, traços de compatibilidade geralmente improvável, mas que nele aparentemente coexistiam sem o menor problema” (p. 66). Mas, o fato é que esta reunião de traços tão distintos em um mesmo ser surge na tentativa de “amarrar” certas mentiras:

Definitivamente, essa questão só existe porque Bakhtin, em muitas ocasiões, afirmou ser o verdadeiro autor dos textos assinados por seus “amigos” prematuramente desaparecidos. Ora, o que mostram, com absoluta evidência, os relatos das entrevistas que ele deu é, por um lado, que Bakhtin mentiu (e sua esposa mentiu com ele) e, por outro, que seus promotores não podiam ignorar essas mentiras e que, por isso, se tornaram cúmplices! (p. 232).

É este desejo de unidade que resultará no *delírio coletivo*, que afetará sensivelmente a recepção posterior de todos os textos deste Círculo, de Bakhtin ou não.

O delírio coletivo

Trata-se de um delírio as “contorções intelectuais” feitas por um conjunto razoável de estudiosos para assegurar a onipaternidade bakhtiniana, mesmo depois de diversos estudos haverem abalado essa tese. Há uma vasta literatura, que convido o leitor a conferir nesta obra resenhada, que busca “demonstrar a continuidade e a coerência da obra bakhtiniana extensa (ou seja, incluindo os textos disputados, mas que, contudo, diverge fundamentalmente na identificação dos temas e das orientações que assegurariam a identidade dessa mesma obra” (p. 267). É este, especialmente, o mote de Bronckart & Bota: delinear a efetiva autoria de Bakhtin para que se possa estudá-lo e valorá-lo de acordo com seu efetivo lugar (e principalmente o mérito dos verdadeiros autores dos textos disputados) dentro das ciências humanas. O resultado que vislumbramos, após muitos contorcionismos, é uma “poderosa polivalência teórica atribuída à quase totalidade dos problemas humanos (a política, a ética, a questão dos gêneros, a navegação marítima etc. etc.) como atestam os trabalhos apresentados nos congressos científicos internacionais da escola bakhtinista” (p. 90).

Este livro, apoiado em outros que o antecederam, além do efeito cáustico causado na figura de Mikhail Bakhtin, traz consigo o engrandecimento das figuras de Pavel Medvedev e Valentin Volóshinov, devolvendo a eles o reconhecimento

devido, e mais: colocando-os na posição não de influenciados pelo mestre (como costumeiramente se fez), mas de influências ao primeiro.

Nesta revisão bio-bibliográfica amplamente documentada e confrontada com os materiais teóricos disponíveis, surge um Bakhtin religioso, de concepções conservadoras baseadas em uma moral cristã ortodoxa, uma vez que, no período citado, Bakhtin contribuía com a Confraria São Serafim e com o Cisma Josefita, movimentos que, segundo os autores, eram peculiares por seu “antimarxismo virulento” (p. 139). O texto *Para uma filosofia do ato ético*, da década de 1920, - analisado pormenorizadamente pelos dois autores -, visto à luz deste “detalhe” biográfico menosprezado, marca uma posição bem distinta das presenciadas, especialmente, nos textos disputados e, aí está um dado novo, no *Dostoiévski*.

Muitos colaboraram para a fraude (e as razões para tal ficam no campo das hipóteses), mas o delírio coletivo toma corpo com obras glorificadoras de Ivanov, Todorov e, principalmente, de Clark e Holquist, intitulada *Mikhail Bakhtin* (1984). Não entrarei nos pormenores interessantíssimos muito bem apontados e explorados, mas gostaria de comentar sobre a chamada “hagiografia bakhtiniana” e sobre o método *sui generis* de se confrontar vida e obra do pensador russo.

Para preservar a tese da onipaternidade bakhtiniana, Clark e Holquist diminuem até o limite do suportável as figuras de Volóshinov e Medvedev, ao passo que Bakhtin é o gênio que passou por diversas dificuldades, que vivia de bicos, ou, contraditoriamente, não podia trabalhar por causa de sua doença, que escrevia sem interesse de publicar, que quando publicava não se importava em colocar seu nome como signatário etc. Em verdade, é uma obra mais apologética do que analítica, pois onde deveria haver um tratamento objetivo do material ali analisado, há uma profusão de juízos ensaísticos e parciais. Sobre isso, é elucidativo o método que ficou característico entre certos estudiosos do pensador russo.

É comum que, ao se biografar Bakhtin, os conceitos a ele atribuídos são retroativamente colocados como causa ou condicionantes de suas ações passadas: “adotando um procedimento hermenêutico particularmente original, que iria fazer escola em várias recepções posteriores da obra bakhtiniana: analisar a referida situação, não pesquisando dados históricos ou procedendo a uma comparação técnica (seja na perspectiva do conteúdo, seja na forma) dos textos disputados e dos textos assinados por Bakhtin, mas mobilizando procedimentos ou temas provenientes de obras literárias, ou ainda conceitos provenientes dos textos do próprio Bakhtin (incluindo os textos amplamente posteriores ao período em questão)” (p. 70). Como resultado, Bakhtin se torna um personagem de sua própria teoria, como Raskólnikov, Aliócha ou Pantagruel; o russo tem sua vida e ações iluminadas pelos próprios conceitos que criou. Sejam o “caráter dialógico” ou a “atmosfera carnavalesca”, isto é, a mascarada, os conceitos bakhtinianos surgem preenchendo eufemisticamente o que, na biografia, é plágio e fraude; tais expressões acabam sendo subterfúgios sofisticados para explicar a questão da autoria disputada.

Empréstimos

Para não ficar somente na questão dos textos disputados, é bom que se diga algo sobre alguns empréstimos não referenciados feitos pelo pensador russo. Eu sempre li a passagem abaixo com algum senso de humor, mas, após ter conhecimento do que trarei adiante, passei ver alguma astúcia oculta, digo, não tão oculta assim: “Também isentamos nosso trabalho do lastro supérfluo de citações e referências que, geralmente, não têm significação metodológica direta para estudos não históricos e, num trabalho conciso de caráter sistemático, são completamente infrutíferas: elas são desnecessárias ao leitor competente e inúteis ao que não o é” (Bakhtin, 1998, p. 13).

É mister esclarecer que Bakhtin não cumpre esta promessa, pois há uma profusão de citações e alusões a muitos estudos. No entanto, os estudos realmente influentes, as passagens literalmente emprestadas são incorporadas à voz do redator do texto⁴.

Os empréstimos aos quais me referi há pouco foram detectados por estudiosos (apologistas ou não) de Bakhtin: “a partir dos anos 1990 [...] novos estudos mostraram que esse procedimento de empréstimo não declarado constituía uma constante na obra bakhtiniana, levando-nos a nos perguntar em que medida tão recorrente procedimento não devia ser expressamente classificado como ‘plágio’” (BRONCKART; BOTA, 2012, p. 255). Entre os elencados pelos autores, os mais plagiados foram Broder Christiansen, em mais de um texto, e Leo Spitzer e Ernst Cassirer no livro sobre Rabelais. É claro que nenhum destes é lembrado em nenhuma nota de rodapé sequer.

Não sei dizer se este livro causará algum impacto no nosso meio universitário, posto que os estudos anteriores, que embasam o que é dito por Bronckart e Bota, já não tiveram repercussão alguma. O fato é que este livro, em que pese o *destronamento* – para usar um conceito de Bakhtin (?) – da figura de Mikhail, busca encontrar os verdadeiros traços do rosto deste intelectual, mesmo que, como os versos que Álvaro de Campos eternizou, quando tiramos a máscara de Bakhtin, ela estava pegada à cara.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. 4ª ed. Trad: Aurora F. Bernardini, José P. Júnior, Augusto G. Júnior, Helena S. Nazário, Homero F. de Andrade. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

BRONCKART, Jean-Paul; BOTA, Cristian. *Bakhtin desmascarado: história de um mentiroso, de uma fraude, de um delírio coletivo*. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

⁴ É relevante apontar que os amigos, e membros do mesmo círculo, Volóshinov e Medvedev nunca foram citados por Bakhtin em seus textos, mesmo que suas influências, como evidenciam Bronckart e Bota, sejam evidentes em muitos momentos.